

Sou abebeano de primeira hora, ou seja, desde que o Banco do Brasil entrou na minha vida, nos anos sessenta. Recém empossado em Sarandi, no interior do Estado, logo me tornei sócio-fundador da AABB da localidade. Quando aportei em Porto Alegre, no ano de 1972, aqui já cheguei como associado e integrado à equipe de futebol, por obra do Luiz de Lemos Velho, amigo e companheiro de futebol em Sarandi, inobstante a localização da AABB local representar um complicador a ser superado: na época, ir do centro até a AABB e, principalmente, voltar são e salvo representava um desafio para quem veio do interior e desconhecia por completo a cidade e o seu trânsito. Mais uma vez o sangue abebeano falou mais alto e, para não perder a convivência, acabei aprendendo o caminho.

12 anos depois, Gramado cruzou no meu caminho e para lá me fui com minha família. Para não perder a tradição, minha filiação à AABB local se deu no primeiro dia de trabalho. Na volta a Porto Alegre, a AABB voltou a assumir as proporções de companheira inseparável, o que significa dizer que freqüentar sua sede, usufruir tudo o que ela oferece e vestir as suas cores voltou a ser um hábito que cultivo até hoje. Resumindo, são mais de quatro décadas de AABB, não só como associado, mas também como atleta.

Nestes anos todos de convivência, houve muitos momentos positivos. Relacionados à AABB-Porto Alegre, recordo como foi gratificante o fato de a AABB ter proporcionado a meus filhos uma infância prazerosa, desfrutada por eles primordialmente na piscina e nas bancas de picolé do clube, enquanto eu jogava futebol, dava as primeiras raquetadas no tênis e engordava o rol de amigos fraternos. No mesmo período, já como jornalista, a possibilidade de reorganizar o Boletim Informativo e torná-lo leitura habitual dos associados me propiciou dois anos gratificantes.

Como atleta, nem a circunstância de as cores oficiais da associação serem azul e branco impediu que eu as defendesse sempre com muita dedicação e garra, por muitos anos no futebol, depois no tênis. O momento maior, sem dúvida, foi ter sido parte integrante da equipe de tênis que, representando o Brasil no Sul Americano de Bancos Oficiais, conquistou o título em Santiago do Chile em 1996. O sabor especial deriva do fato de o episódio mais frustrante da minha carreira também ter tido relação com Santiago do Chile: o de ter sido cortado da delegação de futebol que participou do Sul-Americano de 1975. Por ironia do destino, o tênis, esporte ao qual aderi já em idade madura, estava me proporcionando uma glória que o futebol havia me negado.

E o tênis não parou e não pára de me trazer alegrias. Para minha satisfação, ainda faço parte da equipe de tênis e continuo colhendo títulos nestes 10 últimos anos, nas competições de tênis do Campeonato Brasileiro de Integração dos Funcionários Aposentados do Banco do Brasil, o CINFABB. Afinal, vestir sua camisa e defender as suas cores com garra e orgulho é o mínimo que posso fazer em retribuição a tudo o que a AABB me proporcionou.